

A Europa dos exilados (1944-1947)

1 A Europa como um perigoso local de exílio: da Guerra Civil Espanhola à Segunda Guerra

“Se pois é estranho pretender que aos países vencidos na Grande Guerra nenhuma imposição se deveria fazer, é insensato supor que a Alemanha poderia indefinidamente resignar-se a viver numa espécie de menoridade que violentava a sua consciência nacional e, a ser possível, privaria em qualquer caso a Europa da extraordinária capacidade de organização e de trabalho de muitas dezenas de milhões de homens superiormente apetrechados e cultos”¹

O advento da ditadura militar em Portugal, em 28 de Maio de 1926, e a instauração do regime salazarista assinalam um longo período de uma diáspora mundial para os seus opositores democráticos. As primeiras revoltas contra o regime ditatorial, nomeadamente a de 3 de Fevereiro de 1927, marcam uma primeira leva de exilados composta por republicanos que buscam refúgio no país vizinho, Espanha. Começando por se instalar em localidades próximas da fronteira espanhola, logo perceberam que os vínculos entre a ditadura e o governo de Primo de Rivera os proibem de estar em território fronteiriço ao português. Tais exigências e a busca de um maior campo de atuação levaram os primeiros exilados a buscarem refúgio na mítica Europa, passando a fixarem-se em França ou Inglaterra, procurando usufruir as benesses da tão sonhada democracia.

Em 1931, com a implantação do republicanismo em Espanha, muitos dos exilados portugueses encontram junto ao novo Estado espanhol o apoio necessário para a continuação do seu combate político contra o governo português.

.....
1 Salazar, António de Oliveira: “Preocupação da paz e preocupação da vida” [discurso proferido na Emissora Nacional no encerramento da campanha eleitoral da NA, 27/10/1938], in: *Discursos* III, p. 106.

O símbolo desta junção é corporizado nos auxílios prestados por políticos espanhóis ao grupo de Madrid, mais conhecido por “Budás”, graças à propaganda desencadeada por um espião salazarista. Este grupo é capitaneado por Jaime de Morais, antigo governador da Índia Portuguesa e um dos elementos-chaves da Revolução de Fevereiro de 1927, Jaime Cortesão, historiador e também membro do movimento revolucionário de 1927 e Alberto Moura Pinto, ex-Ministro da Justiça, preso por sua participação na Revolta de 1928. Agregando à sua volta elementos militares e políticos exilados, os “Budás” obtêm forte apoio dos socialistas espanhóis e de outros grupos de esquerda, como os anarquistas. Durante a Revolta das Astúrias são condenados pelo fornecimento de armas para os revoltosos através dos contactos mantidos com a cúpula do Partido Socialista Trabalhista Espanhol. Destinadas a uma revolta a desencadear em Portugal, estas armas acabam por ser apreendidas pelo governo de direita, então no poder, levando Moura Pinto à prisão e os seus companheiros a um novo exílio.

Em 1936, com o regresso da esquerda ao poder em Espanha, o grupo retorna e participa ativamente da Guerra Civil. A indiferença dos governos europeus democráticos ante os acontecimentos e a forte intervenção nazi-fascista no conflito deixaram profundas marcas nos exilados portugueses e nos seus companheiros espanhóis. O término do conflito e a busca da fronteira francesa acabam por selar esta imagem de desprezo desses governos pelos combatentes republicanos espanhóis e portugueses. Alguns deles irão percorrer uma longa caminhada pelos “campos de internamento”, nome criado pelos franceses para os campos destinados aos refugiados e exilados vindo de Espanha, acabando por morrer no terror dos campos de concentração alemães ou por serem reencaminhados para Portugal, desaparecendo no Tarrafal, a versão portuguesa dos campos nazistas.

Aos que conseguiram escapar do “cerco sanitário” forjado pelos franceses, permanecendo em França, logo toda a Europa lhes pareceria um espaço demasiado perigoso para viver. A invasão do território francês pelas tropas nazistas e o eclodir da Segunda Guerra levam centenas de exilados portugueses a voltar a Portugal, que lhes parecia a saída mais apropriada, ante a alegada amnistia propalada pelo governo de Salazar. Mera estratégia de propaganda, a amnistia não é aplicada aos combatentes democratas, em especial no caso de Jaime de Morais e Cortesão, que são encaminhados para o território brasileiro com uma ordem de saída do país. Lá encontraram Moura Pinto, há muito

escapado da sua condição de ilegalidade em território francês, com um visto sempre temporário.

No Brasil, estes e outros exilados escreveram sobre a Europa com o olhar crítico de quem lá sofreu as agruras de regimes ditatoriais ou de quem viu as democracias europeias manterem uma postura de distância e temor ante os exilados “de esquerda” da Península Ibérica. Nos seus escritos revelaram uma visão triste dessa Europa, mas não deixaram de acreditar na possibilidade de que uma nova Europa, renascida do conflito, fosse a primeira a condenar os regimes ditatoriais ibéricos, realizando, no após guerra, a tarefa que não concretizaram nos anos trágicos da Guerra em Espanha.²

2 A imagem da Europa: da “Ordem Nova” à nova ordem democrática da resistência antifascista

“Un’Europa libera e unita è premessa necessaria per il potenziamento della civiltà moderna, di cui l’era totalitaria rappresenta un arresto. La fine di questa era farà riprendere immediatamente in pieno il processo storico contro le disuguaglianze e i privilegi sociali. [...] La rivoluzione europea, per rispondere alle nostre esigenze, dovrà essere socialista, cioè dovrà proporsi la emancipazione delle classi laboratrici e la creazione per esse di condizioni più umane di vita”³

“Gagner la guerre, c’est libérer l’Europe d’un joug de l’envahisseur et réduire à l’impuissance les pays totalitaires [...] Libérer la France et l’Europe de l’invasion fasciste et nazi et Fédérer les peuples européens pour éviter le retour de nouvelles guerres”⁴

No final da Primeira Guerra as ideias em torno de um agrupamento das nações europeias assumem contornos diversos: formação de ‘Estados Unidos da

2 Sobre o tema, cf. entre outros, Paulo, Heloisa: “O exílio português no Brasil: Os ‘Budás’ e a oposição antissalazarista”, in: *Portuguese Migrations in Comparison: Historical Patterns and Transnational Communities. Portuguese Studies Review* 14.2 (Julho de 2009), pp. 125-142.

3 *Manifesto Ventotene*, p. 7, <http://www.altierospinelli.org/manifesto/it/pdf/manifesto1943it.pdf> (04/09/2013).

4 “Gagner la Guerre et gagner la Paix”, in: *Libérer et Fédérer. Organe du mouvement révolutionnaire pour libération et la reconstruction de la France* (14 de Julho de 1942), p. 1 e 2, <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k874492h.image.swf> (03/09/2013).

Europa', de modelo federalista e de cooperação intergovernamental; criação de uma união europeia económica, a União Aduaneira Europeia; institucionalização de uma frente de defesa da 'cultura intereuropeia', partilhada por intelectuais como Benedetto Croce, Ortega y Gasset ou Salvador Madariaga. No plano de uma ação mais concreta, o projeto de Aristide Briand apresentado à Sociedade das Nações, em 1929, ratificado pelo Memorandum de 1930, chega a propor a criação de uma união regional europeia no quadro da Sociedade das Nações.⁵

Pelo seu lado, os regimes nazi-fascistas configuram um ideal diferente para a Europa. A 'Europa Nova', nazista ou a 'Ordem Nova', de Mussolini recusam a proposta de uma união dos países europeus, antes apelam para a "salvação" da "verdadeira" tradição europeia, através do combate ao decadente sistema demoliberal. Para tal, a partir de Berlim/Roma, a expansão imperialista e bélica dos países do Eixo visa garantir a sobrevivência das sociedades europeias ante à ameaça comunista. É neste quadro, que as ditaduras ibéricas alinham com o pressuposto nazifascista da "salvaguarda" dos valores europeus.

O salazarismo também defende a necessidade de uma reação contra a "crise dos valores europeus". Para Salazar e alguns salazaristas, como João Ameal, a 'Nova Europa', nascida da crise do sistema liberal, deveria ser anti-democrática, anticomunista e cristã, um verdadeiro "património cultural" do "Ocidente" e dos seus valores tradicionalistas. O importante papel dos regimes de força seria a constituição de uma frente comum contra o avanço do comunismo na Europa e a salvaguarda dos ideais nacionalistas conservadores, afastando o "povo" do "perigo de ideologias estranhas" que arruinariam o modo de vida tradicional destes países. O pensamento cristão conservador e a hierarquia social, substancializada no corporativismo, seriam os valores maiores a serem preservados, sem os quais não haveria estabilidade social.⁶

Como reação a esta "proposta" de uma Europa tradicionalista e dominada pelo poder do Estado e a coerção do social, temos a resposta da Resistência

5 Sobre o tema, cf. entre outros, Silva, António Martins da: *História da Unificação da União Europeia. A integração comunitária (1945-2010)*, Coimbra: Universidade de Coimbra 2010; Ribeira, Maria Manuela Tavares (coord.): *De Roma a Lisboa: a Europa em debate*, Coimbra: Almedina 2010; Leal, Ernesto Castro: *O Federalismo Europeu – História, Política e Utopia*, Lisboa: Colibri 2001; Ribeiro, Maria Manuela Tavares (coord.): *Ideia de Europa. Uma Perspetiva Histórica*, Coimbra: Quarteto 2003.

6 Cf. entre outros, Torgal, Luís: "Estado Novo, Europa e Atlântico", in: *Estados Novos, Estado Novo*, 2ª ed. Coimbra: Universidade de Coimbra 2009, pp. 499-564.

antifascista nos países ocupados. Na própria Itália, surge o *Manifesto Ventotene*, de Altiero Spinelli, Ernesto Rossi e Luigi Einaudi, propondo uma Europa democrática e federalista.⁷ Nas regiões ocupadas pelos nazistas, as diversas redes da resistência antifascista estabelecem contactos para uma atuação concertada contra o inimigo comum. No meio anarquista, o projeto do grupo *Liberdade e Federalismo*, encabeçado por Sívlio Trentin (1888-1944), também defende a constituição de uma Europa Federalista e libertária.⁸

A ideia de uma Europa unida e democrática está presente nestes e nos movimentos oposicionistas aos regimes da Península Ibérica. É com base neste “ideal” de países regidos por normas democráticas que os exilados vão propor uma redefinição do mapa europeu e a intervenção dos Aliados nos Estados que, através da neutralidade ou da cooperação, casos de Portugal e Espanha, estiveram ligados aos regimes do Eixo. Contra os valores tradicionais defendidos por Salazar e o seu aliado espanhol, os seus opositores propõem uma outra conceção de ‘unidade espiritual’, baseada na partilha de uma herança cultural e de uma história comum, mas sobretudo de uma tradição democrática vivenciada durante momentos chave da história ibérica, como ocorreu aquando da defesa da República Espanhola por republicanos portugueses exilados.

3 A Oposição Antissalazarista no Exílio: quem são, onde estão e como “combatem”

“[...] na Europa de amanhã, haverá somente um valor de realidade – a vontade popular [...] A única força do pensamento político será a sua lealdade para com o homem do povo, dentro da ‘democracia do homem do povo’.

[...] Serão afastados definitivamente os antigos colaboracionistas dos fascismos, e os seus sucessores, quando, enfim, o povo tomar conta dos

.....

7 Escrito por reclusos antifascistas da Ilha de Ventotene, o Manifesto foi publicado clandestinamente em 1941, tendo servido de base para o programa do Movimento Federalista Europeu (Movimento Federalista Europeu), criado em 1943. Sobre o tema ver, entre outros, Paolini, Edmondo: *Altiero Spinelli. Dalla lotta antifascista alla battaglia per la Federazione europea. 1920-1948: documenti e testimonianze*, Bologna: Società editrice il Mulino 1996.

8 Sobre o tema, cf. entre outros: Arrighi, Paul/Trentin, Sívlio: *Un Européen en résistance (1919-1943)*, Portet-sur-Garonne: Nouvelles Éditions Loubatières 2007.

*seus destinos, porque o povo, em todos os países, é a condenação viva dos fascismos de qualquer espécie. [...] A Federação das nações europeias não poderá manter relações construtivas senão com as nações integradas na nova organização democrática internacional. Os povos que esperam a sua libertação política, sob a tirania mental das ditaduras, nada devem temer*⁹

A partir dos anos quarenta, a presença de um forte contingente de opositores antissalazaristas no Brasil transforma este país num centro de atividades da resistência contra o regime de Salazar. Vindos por decisão própria após a implantação da ditadura em 1926, como Lúcio Pinheiro dos Santos, ou expulsos pelo regime, como é o caso de Jaime de Morais, estes opositores distinguem-se da antiga colónia de emigrantes portugueses não só pela consciência política e pela crítica ao regime de Lisboa, mas também pelo nível cultural, que lhes permite conseguir postos de trabalho diversos dos que as poucas capacidades intelectuais da maioria dos membros da comunidade lusa local permitiam. Para além disto, a proximidade ideológica entre os exilados e os políticos e intelectuais de esquerda da sociedade brasileira vai permitir uma aproximação entre os dois segmentos. E, tal como aconteceu em Espanha, assim que o governo de Getúlio Vargas se aproximar dos aliados, os exilados portugueses poderão contar com o apoio dos democratas brasileiros no combate exterior ao regime de Salazar.¹⁰

Os dois casos citados – Jaime de Morais e Lúcio Pinheiro dos Santos – são opositoristas que passam a publicar em jornais brasileiros, fazendo desta atividade a fonte do seu sustento, mas também da sua luta política por longo tempo. Os jornais em questão são os que assumem uma postura mais democrática e próxima aos Estados Unidos, que então busca aliados na América Latina. O *Diário Carioca* foi fundado em 1928, por José Eduardo de Macedo Soares, irmão do genro do então Presidente do Grémio Republicano do Rio de Janeiro, José Augusto Prestes. Dirigido desde 1932 por Horácio de Carvalho Jr., é considerado um dos maiores órgãos de intervenção política na história recente do Brasil. A partir do início da década de quarenta, com a liberalização da censura, afasta-se da linha imposta pelo governo, chamando para a sua

9 Santos, Lúcio Pinheiro dos: “Planos na Europa”, in: *Diário Carioca*, 2º caderno, (4 de Julho 1943), p. 7.

10 Sobre o tema cf. Paulo, Heloisa: “O jornalismo como alternativa. Os exilados e a sua colaboração nos jornais brasileiros”, in: *Estudos do Século XX* 7 (2007), pp. 61-76.

redação os opositores políticos do regime e os exilados. O outro jornal em questão, o *Correio da Manhã*, fundado em 1911, possui uma longa tradição de defesa dos ideais democráticos, mesmo quando a censura o obrigava ao silêncio. Na sua redação está um dos mais atuantes jornalistas e políticos daquele país, Costa Rego. Como ocorre com o *Diário Carioca*, em 1941, este jornal também abre o espaço das suas colunas para aqueles que possuíam uma postura mais radical com relação aos regimes ditatoriais.

Quanto aos cronistas escolhidos para a análise da imagem da Europa no exílio, eles possuem trajetórias diferenciadas. Jaime de Morais, como já foi referido, possui uma longa trajetória de exílios, em Espanha, França e Bélgica. A sua chegada ao Brasil, em 1940, foi imposta pela ditadura salazarista e o seu passado como opositor não era bem visto pelo regime ditatorial de Vargas. Para sobreviver, a partir de 18 de Novembro de 1941 e até 14 de Agosto de 1944, Jaime de Morais escreve 152 artigos publicados nos periódicos *Correio da Manhã* e *Diário Carioca*. Inicialmente, ele trata de questões relacionadas com o universo colonial e com o desenvolvimento do conflito mundial, passando a abordar temáticas relacionadas com Portugal e Espanha após a entrada do Brasil na Segunda Guerra ao lado dos Aliados, após 1943.

Já Lúcio Pinheiros dos Santos (1889-1950), antigo deputado republicano, Diretor dos *Serviços de Instrução do Estado da Índia*, Professor da Universidade de Coimbra e do Porto, reconhecido por seus escritos em filosofia, fixa-se definitivamente no Brasil em 1927, após a implantação da ditadura militar.¹¹ Ali, para além das atividades vinculadas ao ensino, passa a publicar crónicas semanais no periódico *Diário Carioca*, do Rio de Janeiro, publicando cerca de 123 artigos entre 1941 e 1949. Para além disto, graças ao vínculo mantido com a ala “comunista” dos opositores, possui um papel de destaque no movimento oposicionista no exílio brasileiro.

11 Sobre Lúcio Pinheiro dos Santos, cf. Baptista, Pedro: *O Filósofo Fantasma. Lúcio Pinheiro dos Santos*, Sintra: Zéfiro 2010.

4 O universo argumentativo em torno da Europa do Após-Guerra: a democracia como fator de união

“Le discours adressé à un auditoire particulier vise à persuader, alors que celui qui s’adresse à l’auditoire universel vise à convaincre.”¹²

Os oposicionistas exilados que combatem Salazar na imprensa brasileira enfrentam problemas no que respeita ao seu público-alvo e à elaboração do discurso a ser apresentado a este auditório.¹³ Longe de ter na colónia salazarista o seu destinatário, os exilados voltam-se para a sociedade brasileira, buscando apoios políticos para o combate a desenvolver no após-guerra contra os regimes ditatoriais ibéricos. A opinião pública brasileira, representante de um segmento que combateu ao lado dos vencedores aliados, seria um instrumento de pressão na nova reorganização da Europa. É preciso convencê-la da realidade “fascista” vivenciada em Portugal e do perigo que ela poderia representar para os valores democratas futuros. Para tal, é preciso que os cronistas afirmem a sua competência e a sua autoridade argumentativa, através da demonstração do conhecimento das condições reais impostas pelo Estado Novo de Salazar, dos vínculos mantidos com o nazi-fascismo e da concepção totalitária de Europa defendida pelo regime de Lisboa.

Desta forma, toda a construção argumentativa do discurso oposicionista acerca da ‘União Europeia’, a ser pensada após a vitória aliada, visa demonstrar o posicionamento antidemocrático do governo de Lisboa, pretendendo alcançar a solidariedade dos seus possíveis aliados, os leitores brasileiros. Mas, sem querer proceder uma análise formal de discurso, o nosso objetivo é tentar detectar o modo como as condições de produção do discurso passam a influenciar a sua construção e veiculação na sociedade brasileira. Assim sendo, a temática da Europa aparece de forma mais regular nos escritos de Jaime

.....
12 Perelman, Chaim: *L’Empire Rhétorique et Argumentation*, Paris: Verin 1977, p. 31.

13 São diversos os trabalhos acerca da teoria da argumentação e da análise de discurso, clássicos como Perelman, Chaim/Olbrechts Tyteca, Lucie: *Traité de l’argumentation. La nouvelle rhétorique*, Bruxelles: Université de Bruxelles 1970; ou ainda, Maingueneau, Dominique: *Novas Tendências em Análise do Discurso*, Campinas: Ponte 1997. No que respeita ao discurso político e a utilização da análise discursiva e argumentativa por historiadores temos também diversas obras clássicas como a de Robin, Regine: *História e Linguística*, São Paulo: Cultrix 1977. Para uma visão mais atualizada cf., entre outros, Amossy, Ruth: “Argumentation et Analyse du discours: perspectives théoriques et découpages disciplinaires”, in: *Argumentation et Analyse du Discours [en ligne]* 1 (2008), mis en ligne le 06 septembre 2008, <http://aad.revues.org/200> (01/10/2013).

de Morais e Lúcio Pinheiro dos Santos quando os aliados começam a ganhar terreno ao domínio do Eixo no território europeu, ou seja, em 1943.

Jaime de Morais vai dedicar toda uma série de artigos ao tema, realçando em todos eles, o papel a ser desempenhado pelas democracias europeias com relação a própria redemocratização dos Estados Ibéricos. O peso da sua experiência pessoal na Guerra Civil Espanhola aparece de forma constante como parte de uma argumentação que pretende defender a oposição ibérica democrata como um todo.

Lúcio Pinheiro dos Santos aborda a questão da reorganização europeia em igual número de artigos, 5 no total. A sua condição de emigrado político e o facto de escrever para além de 1944, quando o antigo revolucionário de 1927 se retira do jornalismo, faz com que os seus argumentos sejam mais incisivos e politicamente mais agressivos.

4.1 Problemas de uma Europa Futura: a questão ibérica no quadro de uma Europa Democrática

“O Bloco Portugal-Espanha pode ocupar, de cabeça bem erguida um lugar no concerto futuro das nações europeias [...] mas, com uma condição: que a Europa Futura seja um continente democrático e as grandes potências que nele existam vivam também em democracia”¹⁴

No arquivo pessoal de Jaime de Morais há inúmeras versões para esta série de artigos dedicados aos “Problemas de uma Europa Futura”. A autocensura e o medo da censura real parecem ter ditado cortes e enxertos em numerosas versões. Por exemplo, há 4 versões do artigo “Problemas da Europa Futura III. Para onde caminha a Península”, cada uma delas com cortes e modificações do próprio título. Nestes textos, o grande problema é a abordagem do posicionamento das democracias europeias, em especial da Inglaterra, com relação ao advento da Ditadura Militar em Portugal e a Guerra Civil em Espanha. O tema não é sequer mencionado no artigo publicado, mas está presente num dos rascunhos encontrados, denunciando a verdade que, naquele momento, era necessário encobrir:

.....

14 Morais, Jaime de: “Problemas da Europa Futura. Para onde caminha a Península?”, in: *Diário Carioca*, 2º caderno (23 de Junho de 1943), p. 2.

“O aliado viu tombar o regime democrático português, que era irmão do seu e tinha as mesmas raízes na tradição e vocação do nosso povo, mas não manifestou espanto algum. Tudo continuou a correr como antes. Tinha demorado uns meses a reconhecer o regime republicano, mas não gastou dias em reconhecer o regime implantado em 26 [...] Depois, deu-se a crise da guerra espanhola e confesso que foi com assombro que, de início, assisti ao que se passou e ao verifiquei. [...] Desinteressada pelo problema político peninsular e desinteresse, sobretudo do seu problema ideológico. Fora vencida a democracia portuguesa e ia assistir, desinteressada, pela destruição da democracia espanhola”¹⁵

A questão da democracia na Península, no novo concerto das nações democráticas europeias do após guerra, surge de forma muito mais subtil. Há que demonstrar a inferioridade dos países ibéricos ante aos demais estados, democracias que representam de forma legítima a sociedade. É este o “fosso” que é preciso superar, o grande problema de uma Europa futura que vem de longe, mas que agora deve ser considerada pelos demais membros do novo recorte europeu:

“De fato, na Velha Europa, a descoberto quase inteiramente apenas o problema da nossa Península. Foi esse motivo porque ousei apresentá-lo ao público. No íntimo convívio futuro das Nações europeias, Portugal e Espanha, isoladas, ficariam em desvantagem manifesta perante as grandes potências e os agrupamentos de pequenas nações que estão se formando”¹⁶

Apesar da contenção das denúncias, Jaime de Morais vai além da ideia de um recorte democrático para a nova União Europeia, pois ultrapassa o território europeu em termos de uma proposta federalista. Na verdade, e mais uma vez, o passado do cronista vem marcar as suas opções e o seu discurso político. Discorrendo acerca das sugestões do Primeiro-ministro britânico para uma nova Sociedade das Nações, o antigo governador da Índia portuguesa e de

.....

15 Morais, Jaime de: “A Península Ibérica e o agrupamento das suas nacionalidades” [manuscrito datilografado, Arquivo Jaime de Morais, Fundação Mário Soares], p. 1 e 2.

16 Morais, Jaime de: “Problemas da Europa Futura. Esclarecimento a um leitor”, in: *Diário Carioca*, 2º caderno (6 de Junho de 1943), p. 2.

Angola, deixa o seu passado colonialista falar “mais alto”. Neste contexto, propõe de uma “união dos estados africanos” que, incorporado aos restantes continentes, constituiria o que o autor considerava a Sociedade Ideal das Nações, uma espécie de federação de continentes:

*“À tese de uma Sociedade das Nações universal, opõe ele (Churchill), a da constituição de Conselhos de Nações por Continentes. Refere-se designadamente ao Europeu e ao Asiático, dispensando-se, com elegância, de citar o Americano [...] Não se refere à África, um continente como os demais e que merece de todos nós um carinho igual ao que temos por qualquer outro.” [...] confesso que o alvitre de Churchill me seduz sobremaneira*¹⁷

4.2 Lúcio Pinheiro dos Santos e o pensamento europeu

Tal como Jaime de Moraes, Lúcio Pinheiro dos Santos é marcado pela sua anterior experiência ao falar das questões e problemas do novo recorte europeu. Com uma formação em Direito, e com uma longa produção filosófica, a argumentação do antigo professor universitário volta-se para os pontos nevrálgicos do discurso salazarista sobre a Europa e os seus valores espirituais. Na impossibilidade de argumentar em torno da história recente europeia, Lúcio tenta “desmontar” o argumento da ‘unidade espiritual’ e dos valores europeus.

Para ele, o grande impasse entre a Europa Fascista e a constituição europeia do pós-guerra coloca em evidência dois tipos de pensamento, o escolástico, medieval, marcado pelo conservadorismo e do qual Salazar é o representante; e o novo pensar da realidade, o olhar dialético das forças presentes na sociedade e a dinâmica dos factores que forjam a realidade social. A oposição tradicionalismo e ciência é colocada de forma a transformar os postulados salazaristas em expressões de um tempo ultrapassado e obscurantista:

“É, entre dois pensamentos que se decide a luta, neste momento do mundo. Pelo espírito livre, contra as prisões do espírito. E são estas

.....
17 Moraes, Jaime de: “Churchill e os problemas da paz”, in: *Correio da Manhã* (17 de Abril de 1943), p. 2.

também as duas faces da realidade europeia. De um lado, a grandeza incomparável de um pensamento que se prepara para criar um mundo de novo, com toda a pureza do espírito criador. [...] Do outro lado, a miséria do espírito de aproveitamento das falsas situações, a que corresponde uma falsa consciência”.¹⁸

*“Um novo espírito científico é toda uma outra maneira de pensar, que marca um tempo novo do pensamento [...] Produz-se assim uma nova realidade sobre temas novos propostos pelo espírito [...] só mesmo a guerra podia arrancar a Europa aos seus vícios de pensamento para lhe fazer compreender a ‘razão nova’ de uma nova experiência.”*¹⁹

A ‘unidade espiritual’ defendida por Salazar é apresentada sob o prisma da tomada de consciência da realidade pelo indivíduo e do seu lugar na sociedade. A da imagem da Resistência Europeia contra a presença do invasor nazifascista serve para ilustrar esta nova consciencialização e justificar uma mudança no paradigma da ‘unidade espiritual’ europeia. O autor da *Ritmanálise*, que debate sobre um novo prisma a continuidade e o tempo,²⁰ atualiza através da política e da sua aproximação aos comunistas os seus pressupostos teóricos. A “purificação das consciências” dos resistentes equivale à necessidade da tomada de consciência de classe, o ultrapassar dos limites impostos pelos governos de Força:

“Sem a ‘purificação’ das consciências, como ela nos está prometida, no espírito popular da Resistência, em toda a Europa, o qual condena radicalmente a impostura salazarista e os que transigem com ela, nada há a fazer na Europa. [...]

[...] Assim se juntam os povos da Europa lutando pelo espírito de liberdade e sentindo-se cada dia mais próximo, como irmãos, acertando o pensamento pela revolução dos tempos e restabelecendo a harmonia entre os homens, como entre os astros.

.....
18 Santos, Lúcio Pinheiro dos: “Grandeza e Miséria da Europa”, in: *Diário Carioca*, 2º caderno (30 de Novembro de 1941), p. 14.

19 Ibid.

20 Baptista, Pedro: *O Filósofo Fantasma. Lúcio Pinheiro dos Santos*, Sintra: Zéfiro 2010.

Será esta a unidade espiritual dos povos da Europa, incluindo mesmo o povo alemão, quando este se tenha visto livre das últimas influências das castas que tradicionalmente o tem reduzido à escravidão política, que presidirá à organização da interdependência das nações na base da cooperação mútua e do desenvolvimento livre das culturas nacionais’²¹

As crónicas de Lúcio Pinheiro dos Santos foram publicadas num Suplemento Literário do *Diário Carioca* não estavam destinadas aos leitores comuns do periódico. Com argumentos filosóficos sofisticados, procuravam a atenção dos intelectuais brasileiros, dispostos a colaborar com a luta dos antifascistas portugueses. Mas, se para estes a argumentação filosófica conseguia exercer o objetivo do convencimento, suscitando o debate e ações concretas contra a propaganda salazarista no Brasil, no restante público leitor este tipo de argumento não encontra eco. Para estes, há a necessidade de apelos mais emotivos, que os aproxime da mensagem de “perigo” e “alerta” acerca da possível continuidade do salazarismo num mundo que acaba de derrotar Hitler. Ao novo “espírito europeu” de cooperação e partilha cabe pôr fim ao regime de Salazar para que o nazismo desapareça de vez na Europa:

*“É contra o espírito europeu, contra a Europa, e contra o mundo, por seus privilégios de usura intelectual e de tirania política, que luta esta impostura abominável, a pior face do fascismo. Porque o fascismo tem duas faces, a do cinismo germânico e da impostura ibérica.”*²²

5 Portugal e a Europa: a esperança falhada da democracia no final da Segunda Guerra

“Em suma, todas as esperanças da organização de uma paz justa, democrática, total e definitiva, em que todos os povos solidários, em

21 Santos, Lúcio Pinheiro dos: “A Resistência da Europa”, in: *Diário Carioca*, 2º caderno (21 de Janeiro de 1945), p. 3.

22 Ibidem.

igualdade de direitos e deveres, poderiam colaborar, serão puramente quiméricas enquanto durar a rivalidade russo-anglo americana’²³

A imagem de uma Europa unida em torno de um ideal comum de democracia e disposta a pôr fim às ditaduras ibéricas, símbolos da permanência nazifascista, não consegue sobreviver ao impacto das negociações do pós-guerra. O clima de instabilidade pressentido por José Domingues dos Santos, também ele um exilado do regime salazarista em França, é o ensaio para a Guerra Fria que vai instalar-se nos próximos anos.²⁴ Se o discurso dos opositores antissalazaristas no Brasil desenhava uma Europa una e sem ditaduras e, para tal, apelava à solidariedade dos diferentes setores da sociedade brasileira, a necessidade de reforçar o “combate anticomunista” em território europeu garantia a permanência de Salazar e Franco no poder durante as décadas seguintes.²⁵ E, de igual forma, assegura o combate da oposição democrata portuguesa em Portugal e no exílio.

.....

- 23 Santos, José Domingues dos: “Carta de Paris. Trieste, ponto nevrálgico da Conferência de Paris”, in: *Diário de Notícias* (27 de Setembro de 1946), 1ª secção, p. 4.
- 24 José Domingues dos Santos (1885-1958), advogado, antigo chefe do Partido Democrata, após uma extensa atividade política junto ao Partido Democrático, ocupando a pasta em diversos ministérios (Ministro do Trabalho e Previdência Social na República (1919-1920/1921), Ministro da Justiça (1923-1924), Presidente do Ministério, entre 1924-1925, Ministro do Interior e a Marinha), chegando a chefia do Governo entre 1924-1925, foi um dos fundadores do Partido Republicano da Esquerda Democrática e um dos primeiros a levantar a sua voz contra a Ditadura em 1926. Participante da Revolução de 3 de Fevereiro de 1927, foi um dos exilados mais ativos em França, onde permaneceu até 1954, quando retorna a Portugal, vindo a falecer em 1958. Entre 1946 e 1954, foi o correspondente do periódico brasileiro *Diário de Notícias* em território francês.
- 25 Cf. entre outros, Rollo, Maria Fernanda: *Portugal e o Plano Marshall. Da Rejeição à Solicitação da Ajuda Financeira Norte-Americana (1947-1952)*, Lisboa: Estampa 1994; Rollo, Maria Fernanda: “Salazar e a Construção Europeia”, in: *Penélope* 18 (1994), pp. 51-76.

Bibliografia

- AMOSSY, Ruth: “Argumentation et Analyse du Discours: perspectives théoriques et découpages disciplinaires”, in: *Argumentation et Analyse du Discours* [en ligne] 1 (2008), mis en ligne le 06 septembre 2008, <http://aad.revues.org/200> (01/10/2013).
- ARRIGHI, Paul/TRENTIN, Silvio: *Un Européen en résistance (1919-1943)*, Portet-sur-Garonne: Nouvelles Éditions Loubatières 2007.
- BAPTISTA, Pedro: *O Filósofo Fantasma. Lúcio Pinheiro dos Santos*, Sintra: Zéfiro 2010.
- “Gagner la Guerre et gagner la Paix”, in: *Libérer et Fedérer: Organe du mouvement révolutionnaire pour libération et la reconstruction de la France* (14 de juillet 1942), p. 1 e 2, <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k874492h.image.swf> (03/09/2013).
- LEAL, Ernesto Castro: *O Federalismo Europeu – História, Política e Utopia*, Lisboa: Colibri 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique: *Novas Tendências em Análise do Discurso*, Campinas: Ponte 1997.
- Manifesto Ventotene*, www.altierospinelli.org/manifesto/it/pdf/manifesto1943it.pdf (04/09/2013).
- MORAIS, Jaime de: “Problemas da Europa Futura. Para onde caminha a Península?”, in: *Diário Carioca*, 2º caderno (23 de Junho de 1943), p. 2.
- MORAIS, Jaime de: “Problemas da Europa Futura. Esclarecimento a um leitor”, in: *Diário Carioca*, 2º caderno (6 de Junho de 1943), p. 2.
- MORAIS, Jaime de: “Churchill e os problemas da paz”, in: *Correio da Manhã* (17 de Abril de 1943), p. 2.
- MORAIS, Jaime de: “A Península Ibérica e o agrupamento das suas nacionalidades” [manuscrito datilografado, Arquivo Jaime de Morais, Fundação Mário Soares].
- PAOLINI, Edmondo: *Altiero Spinelli. Dalla lotta antifascista alla battaglia per la Federazione europea. 1920-1948: documenti e testimonianze*, Bologna: Società editrice il Mulino 1996.
- PAULO, Heloisa: “O jornalismo como alternativa. Os exilados e a sua colaboração nos jornais brasileiros”, in: *Estudos do Século XX* 7 (2007), pp. 61-76.
- PAULO, Heloisa: “O exílio português no Brasil: Os ‘Budás’ e a oposição antisalarista”, in: *Portuguese Migrations in Comparison: Historical Patterns and Transnational Communities. Portuguese Studies Review* 14.2 (Junho de 2009), pp. 125-142.
- PERELMAN, Chaim/OLBRECHTS TYTECA, Lucie: *Traité de l’argumentation. La nouvelle rhétorique*, Bruxelles: Université de Bruxelles 1970.
- PERELMAN, Chaim: *L’Empire Rhétorique et Argumentation*, Paris: Verin 1977..
- RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.): *Ideia de Europa. Uma Perspectiva Histórica*, Coimbra: Quarteto 2003.
- RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.): *De Roma a Lisboa: a Europa em debate*, Coimbra: Almedina 2010.

- ROBIN, Regine: *História e Linguística*, São Paulo: Cultrix 1977.
- ROLLO, Maria Fernanda: *Portugal e o Plano Marshall. Da Rejeição à Solicitação da Ajuda Financeira Norte-Americana (1947-1952)*, Lisboa: Estampa 1994.
- ROLLO, Maria Fernanda: “Salazar e a Construção Europeia”, in: *Penélope* 18 (1994), pp. 51-76.
- SALAZAR, António de Oliveira: “Preocupação da paz e preocupação da vida” [discurso proferido na Emissora Nacional no encerramento da campanha eleitoral da NA, 27/10/1938], in: *Discursos* III, p. 106.
- SANTOS, José Domingues dos: “Carta de Paris. Trieste, ponto nevrálgico da Conferência de Paris”, in: *Diário de Notícias* (27 de Setembro de 1946), 1ª secção, p. 4.
- SANTOS, Lúcio Pinheiro dos: “Planos na Europa”, in: *Diário Carioca*, 2º caderno, (4 de Julho 1943), p. 7.
- SANTOS, Lúcio Pinheiro dos: “Grandeza e Miséria da Europa”, in: *Diário Carioca*, 2º caderno (30 de Novembro de 1941), p. 14.
- SANTOS, Lúcio Pinheiro dos: “A Resistência da Europa”, in: *Diário Carioca*, 2º caderno (21 de Janeiro de 1945), p. 3.
- SILVA, António Martins da: *História da Unificação da União Europeia. A integração comunitária (1945-2010)*, Coimbra: Universidade de Coimbra 2010.
- TORGAL, Luís: “Estado Novo, Europa e Atlântico”, in: *Estados Novos, Estado Novo*, 2ª ed. Coimbra: Universidade de Coimbra 2009, pp. 499-564.

